

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO NOS CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA

Felipe Mateus de Almeida

Cientista Social e mestrando sociologia pela Universidade Federal de Goiás - UFG

RESUMO: Neste artigo pretende-se apresentar uma breve discussão sobre o conceito de educação nos clássicos da sociologia: Marx, Weber e Durkheim. Em um primeiro momento, será feita uma introdução apresentando a importância dos clássicos da sociologia e em seguida apresentado uma discussão teórico metodológica desses autores associando-os aos seus conceitos de educação.

Palavras-chave: sociologia; educação; clássicos

ABSTRACT: in this article we intend to present a brief discussion of de concept of education in the classics of sociology: Marx, Weber and Durkheim. In a first momentwe will do an introduction presenting the importance of the classics of sociology and then we present an methodological theoretical discussion of these authors associating them to their educational concepts.

Key –words: sociology; education; classics

INTRODUÇÃO

Todo o sociólogo, aspirante a sociólogo ou curioso pela teoria sociológica deve ter em mente que os clássicos da sociologia são de extrema importância para a compreensão daquilo que é produzido na contemporaneidade pelos grandes teóricos dessa ciência. Além disso, suas contribuições foram e são muito importantes para o entendimento de uma determinada época e de um determinado contexto histórico.

A sociologia clássica tem como principais representantes Durkheim (1858 – 1917), Marx (1813 – 1873) e Weber (1864 – 1920). Cada um desses autores teve uma teoria e um método de análise dos fenômenos da sociedade, o que fez com que eles elaborassem teorias sobre a sociedade, a política, a economia, o poder, o Estado, a religião, o trabalho etc. Esse trabalho, é limitado a apresentar uma análise sobre o conceito de educação em Durkheim, Marx e Weber.

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM ÉMILE DURKHEIM

Antes de se debruçar sobre o conceito de educação em Durkheim, é preciso que se faça uma breve análise sobre a sua teoria e o seu método. Esse autor sempre esteve preocupado com a criação de uma ciência da sociedade que fosse autônoma, ou seja, que tivesse um caráter e postulados próprios e fosse independente da filosofia e da

psicologia. É preciso que se analise os fenômenos como uma coisa dada e concreta, ou seja, é preciso que se faça uma diferenciação entre a coisa e a ideia através de um processo de afastamento do sociólogo de suas ideias e pressupostos pessoais. A realidade deve ser estudada pelo sociólogo como ela é e não como ela deveria ser,

Durkheim se esforça para declarar a autonomia e a especificidade da sociologia e para isso a distingue da Psicologia e da Filosofia. [...] Para ele, a sociologia é uma ciência autônoma e distinta das demais e isso se revela principalmente no seu objeto de estudo, bem como se distingue da Filosofia em razão de sua objetividade e pelo fato de se remeter ao empírico (VIANA, 2006, p. 31).

Diante dessas colocações, Durkheim define como objeto de seus estudos e, conseqüentemente, segundo ele como objeto de estudo da sociologia, os fatos sociais. Para ele, os fatos sociais devem ser definidos como:

[...]toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2007, p. 13, grifos dele).

Os fatos sociais são dotados de três características essenciais: a coercitividade, a exterioridade e a generalidade. O fato social é coercitivo porque exerce um poder que faz com que o indivíduo realize ações que muitas vezes são feitas contra a sua vontade; é exterior porque já se encontra pronto e constituído na sociedade antes mesmo do nascimento dos indivíduos que virão a fazer parte dela e é geral porque atinge todas as esferas da sociedade e todos os seus participantes.

Ainda pensando sobre essa questão da teoria e do método sociológico de Durkheim é preciso que se leve em consideração de que esse autor defendia a neutralidade do pesquisador, ou seja, ele deveria se afastar de todos os seus pressupostos desde a problematização do objeto a ser investigado até as conclusões da pesquisa.¹ Para esse autor, o fato social já se encontra constituído na sociedade e cabe

¹Weber também pensava na questão da neutralidade do pesquisador, porém, apresentando divergências em relação à proposta de Durkheim. Enquanto Durkheim afirmava que o pesquisador deveria se afastar de todas as suas pré-noções desde a problematização da pesquisa, Weber dizia que todo o problema de pesquisa surge de um determinado juízo de valor, mas que durante a realização da pesquisa o sociólogo deveria se preocupar com o juízo de fato, ou seja, com aquilo “que é” ao invés daquilo que “deveria ser”. Portanto, para Weber, o sociólogo não deve abrir mão de seus juízos de valor (como deveria ser ou como ele pensa que seja), pois a partir do juízo de valor é que se tem o surgimento de uma pesquisa. Porém, a partir do momento em que a pesquisa ganha corpo é preciso que o pesquisador abandone tais juízos e passe a realizar um processo de distanciamento ou de neutralidade para poder se aproximar da melhor maneira possível da realidade de determinado objeto social ou “daquilo que é”.

ao pesquisador apenas analisar como determinado fato social regula as ações dos indivíduos para com os demais membros da sociedade em que convivem, ou seja, “a obra do sociólogo não é a do homem público. Logo, não precisa expor em detalhe o que deveria ser essa reforma. Bastar indicar seus princípios gerais, tal como parecem sobressair dos fatos precedentes” (DURKHEIM, 2008, p. XXII).

Portanto para Durkheim, o sociólogo deve ter como norte de suas pesquisas os fatos sociais, levando em consideração suas três características essenciais e tratando eles como coisas e, além disso, tendo o cuidado de estar sempre assumindo uma posição de neutralidade diante do fenômeno estudado. Tudo isso deve ser feito levando em consideração a consciência coletiva dos indivíduos. A consciência coletiva deve ser compreendida como “o conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” (DURKHEIM, op. cit., p. 50).² Nesse sentido, como esse autor pensava a educação?

Para Durkheim (2012) a sociedade que já se encontra constituída antes mesmo de nascer, elabora um certo ideal do que deve ser o homem correto, ou seja, um tipo de homem pautado naquilo que a sociedade acha que deve ser o tipo moral, físico e intelectual capaz de ser o mesmo para todos os indivíduos presentes na coletividade e capaz de ser diferenciado segundo “os meios singulares que toda sociedade compreender em seu seio” (p. 52). Diante disso, todas as crianças que nascem em uma determinada sociedade e começam a fazer parte de um processo de socialização, precisam aprender duas coisas: um certo corpo de valores e crenças que são comuns a toda a sociedade e um certo corpo de valores e crenças que são específicos de sua classe, família ou profissão.

Nesse sentido, a educação começa a ganhar a sentido e Durkheim vai dizer que:

A sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre seus membros; a educação perpetua e fortalece esta homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva. No entanto, por outro lado, qualquer cooperação seria impossível sem uma certa diversidade; a educação assegura a persistência desta necessária diversidade diversificando-se e especializando a si mesma (p. 53).

²Durkheim não faz pouco caso das consciências particulares dos indivíduos. É preciso compreender que ele estava em busca de uma teoria e de um método autônomos para a sociologia e por isso defendia a ideia de que o sociólogo deveria se preocupar com a questão das consciências coletivas, ou seja, de como esse conjunto de crenças e de sentimentos que são comuns a todos os membros da sociedade regulam e criam comportamentos, códigos e uma postura sobre aquilo que é certo e aquilo que é errado para o bom funcionamento da sociedade.

E continua dizendo que:

(...) A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e mentais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (idem, p. 53-54, grifos dele).

Nesse sentido, a educação para Durkheim tem como principal função a formação do ser social, ou seja, a formação de um ser coletivo capaz de participar do processo de socialização. Diante disso, a educação tem duas funções: uma função homogeneizadora e uma função diferenciadora. É homogeneizadora no sentido de formação do cidadão, do ser social em geral, ou seja, de ensinar a todo o indivíduo que é membro de uma determinada sociedade os valores, costumes, leis, direitos e deveres dos cidadãos; é diferenciadora no sentido de ensinar o seu papel social enquanto membro de uma determinada classe ou grupo social, ou seja, ensinar o seu trabalho, a sua função e o seu lugar enquanto membro de uma coletividade para que ele possa ajudar a manter a ordem e o funcionamento correto da sociedade evitando com que ela entre em estado de anomia.

Portanto, a educação para Durkheim é um fato social que já se encontra constituído na sociedade e através dela é que devem ser passados os conhecimentos herdados pelos mais velhos para as crianças fazendo com que elas tenham acesso a valores e costumes comuns para toda a coletividade e a valores e costumes que sejam comuns apenas para os membros do grupo ou classe social com o qual ela convive. Podemos afirmar ainda que o autor possui uma visão ampla de educação, ou seja, é ele percebe que educação está para além dos muros da escola e dos demais centros de ensino e que ela tem um papel de formação do ser social, ou seja, de formação do cidadão como membro da coletividade. A educação em Durkheim tem um papel conservador no sentido de diferenciar os indivíduos sobre a sua função na sociedade, fazendo com que eles não reclamem e nem se revoltam com seu trabalho ou sua condição social, pois tal condição social já se encontrava constituída na sociedade ou no sei do seu grupo ou classe social antes mesmo que ele nascesse. Ao afirmar isso, podemos dizer que a educação para esse autor é capaz de inculcar no indivíduo que o processo de divisão social através do trabalho é algo natural e que faz bem para toda a

coletividade evitando os conflitos e o caos social, ou seja, evitando o adocimento da sociedade. Nesse sentido,

(...) seja qual for o aspecto pelo qual abordemos a educação, ela sempre se apresenta com o mesmo caráter. Sejam os fins que ela busca ou os meios que ela emprega, são sempre necessidades sociais que ela satisfaz e ideias e sentimentos comuns que ela expressa (DURKHEIM, op. cit., p. 118).

A educação representa a expressão da consciência coletiva dos indivíduos e, portanto, estudá-la e pesquisá-la é também fazer uma análise dos sentimentos comuns e das necessidades sociais da coletividade.

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM KARL MARX

Karl Marx nunca se preocupou em criar uma ciência da sociedade, ele era um autor com uma abordagem que abarcava várias áreas do conhecimento e, acima de tudo, uma abordagem crítica que fazia um ataque ferrenho ao modo de produção capitalista e todas as suas instituições e relações sociais. Nesse sentido, Marx foi o responsável pela criação do materialismo histórico – dialético. Um método que rompe com o idealismo e prega a ideia da práxis, ou seja, a junção da teoria e da prática como ação transformadora da realidade:

[...] na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. [...] o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2003, p.5).

Partindo desses pressupostos que fazem uma crítica à filosofia idealista, Marx cria o seu método de análise da realidade: o materialismo histórico–dialético. O materialismo histórico-dialético parte de pressupostos reais, criados por homens que vivem em sociedade devido ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. A teoria marxista parte do pressuposto de que as ideias, a consciência e as relações sociais existentes em uma determinada sociedade civil, dependem de determinadas formas de organização do consumo, do comércio e da produção. O materialismo histórico – dialético é uma teoria que afirma que não são as ideias e a consciência que controlam o homem, mas o homem é quem determina e constrói suas ideias e sua consciência na produção de sua existência. Nesse sentido, como poderia se pensar a educação através da perspectiva marxista?

Marx não escreveu nenhum tratado sobre educação, portanto, a tarefa de pensar um conceito de educação em Marx é bastante complexa. Todavia, se fizermos uma interface com o conceito de trabalho proposto por esse autor, pode-se perceber que existe uma possibilidade de se pensar em um conceito de educação presente na teoria marxiana que está intrinsecamente interligado a questão da divisão social do trabalho na sociedade capitalista.

Na teoria marxiana, o trabalho deve ser compreendido como

[...] um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturnacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013 [1867], p.255).

O trabalho para Marx deve ser compreendido então como a relação consciente entre o homem e a natureza na qual o homem faz uso de todas as suas forças naturais que se encontram presentes no seu corpo e isso faz com que ele também transforme aquilo que está ao seu redor.

Porém, a partir do materialismo histórico-dialético, Marx descobre que o modo de produção capitalista juntamente com o surgimento da divisão social do trabalho e as relações sociais advindas dele, são permeadas pela contradição e pela luta de classes onde uma classe detentora dos meios de produção compra a força de trabalho de uma classe que não possui nada a não ser a sua força de trabalho.

Para Marx, quanto mais riqueza o trabalhador produz, mais pobre ele fica. Em uma sociedade capitalista, o trabalhador se torna uma mercadoria barata que vende a sua força de trabalho apenas para a sua subsistência. Esse processo ocorre porque as coisas, ou melhor dizendo, os objetos passam a ter mais valor do que os homens, ou seja, quanto mais a mercadoria se valoriza, mais o homem se torna desvalorizado e desacreditado, ou seja, o trabalho se torna alienado:

quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem de consumir; quanto mais valores cria, tanto mais sem valor e mais indigno se torna; quanto mais refinado o seu produto, tanto mais deformado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto tanto mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tanto mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais brilhante e pleno de inteligência o trabalho, tanto mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna servo da natureza. [...] o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz a privação para o trabalhador (1963, p.161).

Nesse sentido para Marx o trabalho deve ser compreendido como a relação entre o homem e a natureza, porém, com o surgimento do modo de produção capitalista e da divisão social do trabalho, ele adquire um caráter negativo que se torna sinônimo de antagonismo de classes e de reprodução das desigualdades sociais. Ao trabalhador, nada mais resta do que a venda da sua força de trabalho. Ele não se reconhece e nem se sente feliz com o produto e com o ambiente de seu trabalho. O trabalhador se torna cada vez mais pobre enquanto produz muitas riquezas que ficam nas mãos da classe dominante. Para Marx, o trabalho na sociedade capitalista é sinônimo de poder e dominação.

E onde entra a relação entre trabalho e educação para se pensar em um conceito de educação na teoria marxiana? Em textos sobre Educação e Ensino, encontramos a seguinte citação:

(...) a indústria moderna elimina tecnicamente a divisão manufatureira do trabalho, na qual um ser humano com todas as suas faculdades e por toda a vida fica prisioneiro de uma tarefa parcial. Mas, ao mesmo tempo, a forma capitalista da indústria moderna reproduz aquela divisão de trabalho de maneira ainda mais monstruosa, na fábrica propriamente dita, transformando o trabalhador no acessório consciente de uma máquina parcial; e, fora da fábrica, por toda parte, com o emprego esporádico das máquinas e dos trabalhadores de máquinas, e com a introdução do trabalho das mulheres, das crianças e dos trabalhadores sem habilitação, que servem de nova base à divisão do trabalho (MARX & ENGELS, 2004, p. 74).

Portanto, Marx e Engels pensavam a educação na sociedade capitalista como uma educação que estava orientada para atender os interesses do capital, ou seja, a educação no capitalismo não é emancipatória, ela é alienante e treina os indivíduos para o mercado de trabalho e para venderem sua força de trabalho para os capitalistas gerando mais-valor. Nesse sentido, a educação para Marx não deve ser pensada como um conceito isolado, ou seja, é preciso que se pense na questão da educação através da perspectiva da totalidade pois, para ele a educação não ocorre somente no ambiente escolar, ela está presente e atrelada as demais relações sociais produzidas pelo indivíduo em sua convivência na sociedade. Pode-se, ainda, dizer que a educação pensada através de uma totalidade pode ser vista como um ideologia, ou seja, como uma falsa consciência sistematizada que reproduz os interesses e as vontades da classe dominante. A educação em Marx pode ser compreendida como um processo que treina e capacita os trabalhadores para vender a sua força de trabalho para a burguesia e, conseqüentemente, reproduzir as relações sociais capitalistas.

Assim como Durkheim, a educação para Marx³ é ampla, pois está para além dos muros da escola e dos demais centros de ensino, porém, existem diferenças. Enquanto Durkheim vê na educação um papel positivo ao ensinar os indivíduos o seu lugar e a sua função na sociedade de acordo com condição de classe ou grupo social ao qual pertencem fazendo com que eles colaborem com o processo de funcionamento da sociedade o que conseqüentemente faz com que ela não entre em estado de anomia, Marx vê no processo de educação associado à divisão social do trabalho capitalista, ou seja, vê no processo educacional que treina e que inculca nos trabalhadores a ideologia de que a sua única utilidade é vender a sua força de trabalho para a burguesia e, como conseqüência disso, reproduzir as relações sociais exploratórias e promotoras de desigualdades sociais, uma negação das verdadeiras potencialidades dos trabalhadores. Para ele, a educação no modo de produção capitalista deve ser compreendida como uma educação alienada e ideológica e só a superação do modo de produção capitalista e de todas as relações sociais, instituições, ideologias e classes sociais pertencentes a ele é que poderá haver um livre processo de aprendizado no qual os trabalhadores possam desenvolver suas potencialidades sem estarem sendo explorados ou enganados.

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM MAX WEBER

Diferentemente de Durkheim e Marx que focam suas análises na coletividade, Weber tem como principal foco de estudo o indivíduo e suas ações na sociedade. Nesse sentido, Para Weber (1987, p.9) a sociologia deve ser compreendida como “aquela ciência que tem como meta a compreensão interpretativa da ação social de maneira a obter uma explicação de suas causas, de seu curso e dos seus efeitos”.

Partindo dessa definição do conceito de sociologia, Weber vai procurar uma maneira de estudar a conduta e o comportamento humano. É através da compreensão da ação social do indivíduo que Weber irá descobrir e estudar o seu comportamento na sociedade. A ação social pode ser classificada segundo quatro tipos diferentes: ação social em relação a fins; ação social em relação a valores; ação social em relação à afetividade e ação social em relação à tradição (WEBER, op. cit., p. 41).

³ O texto faz menção mais ao nome de Marx, porém, não se esquece das contribuições de Engels no que se refere ao processo de estudo sobre a sociedade capitalista.

Ainda em relação à teoria e o método weberiano, é importante ressaltar a questão dos tipos ideais. Para Weber, a realidade é infinita, ou seja, é inesgotável. Por conta dessa conclusão, esse autor vai dizer que nenhum conceito é capaz de explicar a realidade. Diante de tal situação, o máximo que o pesquisador pode conseguir fazer é criar tipologias que se aproximem o mais corretamente possível da realidade e do fenômeno que está sendo estudado. Por conta disso, é comum que se encontre nos escritos de Weber os seus tipos de ação social, os tipos puro de dominação, os tipos de capitalismo, os tipos de burocracia, os tipos de poder etc. Nesse sentido, o tipo ideal é um recurso utilizado pelo pesquisador para se aproximar o mais corretamente possível da realidade e, muitas vezes, essas “construções típico-ideais da sociologia derivam seu caráter não somente do ponto de vista objetivo, mas também de sua aplicação a processos subjetivos” (WEBER, op.cit., p.34).

Portanto, a sociologia weberiana é uma sociologia compreensiva que busca entender e estudar o comportamento e a conduta humana – ou o sentido que os indivíduos atribuem a suas ações – através da criação de tipos ideais capazes de se aproximar o mais corretamente da realidade, tendo em vista que ela é infinita, ou seja, inesgotável. Nesse sentido, levando em consideração esses pressupostos teórico-metodológicos, como Weber pensava a educação?

Pode-se afirmar que Weber pensa o Estado como uma empresa capitalista que necessita de um corpo burocrático treinado e especializado e de um direito racional capaz de gerir os negócios e fazer com que a máquina funcione. Ao abordar a questão dos letrados chineses, esse autor vai dizer que os letrados passavam por alguns processos de avaliação, dentre eles o da pedagogia do cultivo. A pedagogia do cultivo era responsável por ensinar aos alunos que posteriormente viriam a se tornar letrados-valores e concepções que estivessem de acordo com os padrões da sociedade chinesa, ou seja, a pedagogia do cultivo tinha a função de moldar os homens para viver em uma determinada camada social.

Com o passar do tempo, essa ideia de pedagogia do cultivo foi perdendo sua força e começou a dar lugar ao sistema de exames:

Durante o período da monarquia central, os mandarins tornaram-se um estamento de pretendentes certificados às prebendas públicas. Todas as categorias de servidores públicos chineses eram recrutadas entre eles, e sua

qualificação para o cargo e a posição social dependia do número de exames em que eram aprovados (WEBER, 1971, p. 478).⁴

E continua dizendo que:

O sistema facilitou uma luta competitiva pelas prebendas e cargos entre os candidatos, o que os impedia de se unirem numa nobreza feudal de funcionários. A admissão às fileiras dos aspirantes estava aberta a todos os que provassem suas qualificações. O sistema de exames realizava, assim, seus objetivos (*idem*, p. 481-482).

Nesse sentido, podemos afirmar que a educação para Weber está associada ao processo de racionalização e de desencantamento do mundo, ou seja, está ligado ao processo de desenvolvimento do capitalismo. Sendo assim, para Weber a educação tem o papel de criar um corpo burocrático especializado e treinado para gerir os interesses e os negócios da máquina estatal a partir de uma lógica pautada na dominação tradicional e legal-burocrática.

CONCLUSÃO

Nesse artigo buscou-se apresentar uma breve discussão acerca do conceito de educação nos clássicos da sociologia. Para tanto, foi necessário que também se abordasse a teoria e o método de cada um desses autores, associando-os aos seus conceitos de educação.

Nesse sentido, para não ficar apenas com uma descrição do que esses autores compreendem por educação, algumas observações devem ser feitas. No que se refere ao conceito de educação em Durkheim, pode-se afirmar que está presente um conservadorismo e um elogio à divisão da sociedade em classes. Há de se elogiar a concepção ampla de educação proposta por esse autor, todavia, ele defendia a ideia de uma educação que fosse capaz de inculcar nos indivíduos o entendimento de que eles têm que desenvolver certas atividades e funções que os façam diferentes dos outros indivíduos através da sua condição de classe, ou de sua crença religiosa etc., para que eles ajudem no desenvolvimento da sociedade evitando com que ela entre em estado de anomia. Essa defesa faz um elogio à divisão social do trabalho capitalista e mais do que isso, faz com que a educação seja uma mantenedora do *status quo* capitalista o que,

⁴Como estamos fazendo uma citação direta do texto de Weber e a nossa edição é de 1971, algumas palavras hoje já não são mais escritas como há época da edição desse livro. Portanto, não são erros de português, estamos sendo fiéis às normas da ABNT no que se refere às citações diretas.

consequentemente, não possibilita aos indivíduos o desenvolvimento de suas potencialidades.

No que se refere ao conceito de educação em Marx, também há de se elogiar – assim como em Durkheim – a sua concepção ampla acerca desse tema. Porém, deve-se salientar a dificuldade de se pensar em uma definição de educação na teoria marxiana pois seu pensamento parte de uma perspectiva dialética e de totalidade, fazendo com que para se analisar um determinado fenômeno da sociedade capitalista é preciso se analisar todo o processo de produção das relações sociais. Podemos perceber também no pensamento de Marx acerca da educação na sociedade capitalista, a sua visão pessimista acerca dela. Para ele, uma educação emancipadora e que seja capaz de desenvolver todas as potencialidades dos sujeitos só será possível em uma sociedade sem classes sociais, ou seja, em uma sociedade comunista na qual o modo de produção capitalista e todas as instituições e relações sociais tenham sido superadas.

Sobre o conceito de educação em Weber, pode-se elogiar o fato desse autor perceber o processo de burocratização e especialização desenfreados decorrentes do processo de racionalização do capitalismo. A educação nada mais é do que um sistema de treinamento que forma e introduz indivíduos no mercado de trabalho. Todavia, a análise de Weber é orientada pelo pensamento do indivíduo acerca da sua conduta para com determinado objetivo que ele pretende alcançar. Tal análise cai no subjetivismo e psicologismo e, além disso, há de chamar a atenção para o fato da análise tipológica desse autor, ele cria tipos ideais que nem sempre são aplicáveis a realidade pois para ele a realidade é inesgotável e nenhum conceito é capaz de explicá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

_____. *Educação e Sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã:Feurbach – A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. A mercadoria. In:_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*, Volume I, Livro Primeiro, O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Abril cultural, 1983, p. 45 -78.

_____. Prefácio. In:_____. *Contribuição à crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-11.

_____. O trabalho alienado. In:_____. *Manuscritos Económico- filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964, p. 157-172.

_____. O processo de trabalho e o processo de valorização. In:_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*, Livro I, O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 255-277.

_____. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Centauro, 2004.

WEBER, MAX. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

_____. Os letrados chineses. In:_____. *Ensaio de Sociologia*. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971, p. 471-503.

VIANA, Nildo. Os pensadores clássicos da sociologia. In: _____. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011, p.29-67.